



CASAS COM RAMPAS DESENHADAS POR VILANOVA ARTIGAS NO PARANÁ

Palavras-Chave: JOÃO BATISTA VILANOVA ARTIGAS, ANÁLISE DE PROJETO, CIRCULAÇÃO

Autoras:

ALINE TERUMI SATO

Profa. Dra. ANA TAGLIARI FLORIO (orientadora)

FACULDADE DE ENGENHARIA CIVIL, ARQUITETURA E URBANISMO (FECFAU)

INTRODUÇÃO

Estudar e analisar o conjunto de projetos de residências de um arquiteto pode revelar aspectos fundamentais para o melhor entendimento do conjunto de sua obra. Projetando casas, permite-se maior liberdade criativa e de experimentação por parte de seus autores, instigando e possibilitando soluções inovadoras. Marlene Acayaba (1985) observa que, *na prática, a casa é muitas vezes a única, a melhor ocasião para o profissional experimentar*. Em concordância, Zein (1984) afirma:

É ainda muito comum ouvir-se que o projeto da casa é o grande laboratório do arquiteto. Essa frase tem dois significados básicos, complementares: as casas servem de exercício, em ponto pequeno, de projetos mais complexos, a conquistar; e têm um caráter experimental, permitindo ao arquiteto avaliar hipóteses e testar sua utopia.

Apesar de a sua escala relativamente menor ser o motor e motivação para o caráter exploratório

que assumem os projetos residenciais, eles não devem ser considerados algo de menor valor ou importância. Neles residem conceitos e ideias importantes, que alicerçam, reforçam e transmitem a linguagem e os próprios ideais do arquiteto. Assim, a contribuição desta pesquisa reside no estudo de três projetos residenciais unifamiliares com rampas concebidos para a cidade de Curitiba pelo arquiteto Vilanova Artigas. São elas: As residências João Luiz Bettega (1949), Renato Faucz (1975 - não construído) e Edgard e Marcia Niclewicz (1978).

Em especial, o foco do estudo sobre os projetos escolhidos está na forma como as rampas foram adotadas pelo arquiteto. A rampa é promotora da continuidade visual, espacial, de integração dos ambientes e do encontro entre as pessoas. Percebe-se, assim, que o elemento rampa está ativamente atrelado a compreensão da visão de mundo e das propostas projetuais na obra de Artigas, assumindo papel de destaque, não só como elemento de circulação, mas como componente estruturador do projeto e parte pertencente ao programa.

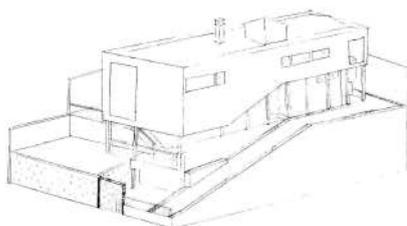


Figura 1. Residência João Luiz Bettega (1949).

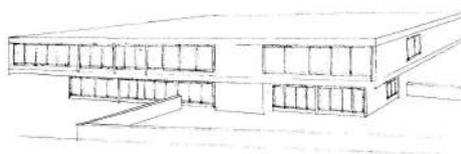


Figura 2. Residência Renato Faucz (1975).

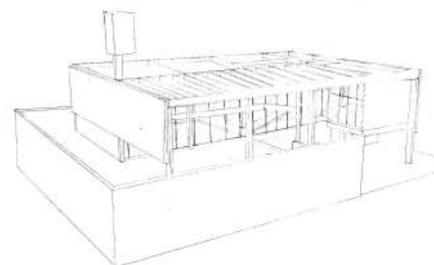


Figura 3. Residência Edgard e Marcia Niclewicz (1978).

Fonte. Próprio autor.

METODOLOGIA

A pesquisa foi realizada através do levantamento de bibliografia e análise de desenhos e imagens. A primeira fase consistiu na revisão da literatura existente a respeito do arquiteto e sua obra. Assim, foi adotada como referência básica para o estudo da obra arquitetônica de Artigas o livro de João Massao Kamita (2000), a Revista 2G N.54 especial Vilanova Artigas (2010), o livro publicado em comemoração ao centenário do arquiteto, organizado por Rosa Artigas (2015), o livro sobre projetos residenciais não construídos (2017), além dos textos escritos pelo próprio arquiteto, como “*Caminhos da Arquitetura*”, visando extrair conceitos teóricos que fundamentam sua prática. Outros títulos foram consultados como teses e dissertações, especialmente as pesquisas de Roberto Fortan (2014) e Carmen Carlotto (2016), catálogos de exposição, entre outros. O Livro de Yves Bruand (2008) serviu para o entendimento mais ampliado da Arquitetura Moderna Brasileira. Além disso, como o tema percurso e circulação em arquitetura também fazem parte da investigação, os textos de Tagliari (2018, 2019) sobre o tema contribuíram na elaboração de uma visão crítica sobre o assunto.

Na segunda fase, foi adotado o método da análise gráfica para a análise dos projetos. Para isso, foram realizados desenhos e diagramas a partir de material disponível na Revista Acrópole e acervo da Biblioteca Digital de projetos da FAUUSP. São plantas, cortes e elevações dos projetos, além de estudos feitos a partir de axonométricas e cortes perspectivados. Há muitos livros e autores que adotam este método, sendo nesta pesquisa referenciados os autores Francis Ching, Paul Laseau, entre outros. Tagliari (2012) relata que o desenho é o mais rápido e mais eficiente modo de visualizar o pensamento do arquiteto. Assim, os desenhos de plantas, cortes e perspectivas servem na compreensão das propostas do arquiteto ao projetar os percursos e estudar os possíveis visuais de cada residência.

RESULTADOS

Vilanova Artigas

João Batista Vilanova Artigas (1915-1985), nascido em Curitiba (PR), foi um importante arquiteto da arquitetura moderna brasileira. No século XX, o

movimento ganhou força com uma proposta que se opunha aos projetos tradicionais, rebuscados e ornamentados da época. Com a premissa de trazer o simples e ressignificar a função social das obras, empregando formas geométricas e linhas, surgia, não somente uma nova estética, como uma nova maneira de pensar arquitetônico, autêntico, inovador e preocupado com a funcionalidade das construções e a criação de uma identidade nacional.

Acompanhando tais mudanças, Artigas se mostrou um profissional multifacetado. Arquiteto, engenheiro, urbanista, professor e intelectual, deixou também escritos, ensinamentos e contribuiu fortemente no reconhecimento da profissão de arquiteto, com participação na constituição da profissão e elaboração de propostas. Seus ideais instigaram e repercutiram sobre toda uma geração de arquitetos, e seguem tendo grande impacto e transmitindo respeito até os dias de hoje.

A Arquitetura de Vilanova Artigas

A arquitetura de Artigas foi classificada em fases. Sendo adotado como referência os estudos de Kamita (2000) e Zein (1984), organizam: Fase Inicial (1938-1945), Fase Intermediária (1946-1955) e Fase Final (1956-1984), dividida em Maturidade (1956-1966) e Consagração (1967-1984).

1. Fase Inicial (1938-1945): “Wrightiana”

Fase foi marcada pelo grande número de projetos de casas, bem como pequenos edifícios, apartamentos e escritórios, frutos da colaboração do arquiteto com Duilio Marone. Nesse período, surge o interesse de Artigas pelo arquiteto norte-americano Frank Lloyd Wright, denunciado pela: *submissão à natureza, naturalidade dos materiais e projeto adaptado às formas do terreno* (BEDOLINI E SILVA, 2017). Além disso, podem ser citados também como características em comum: a horizontalidade, a continuidade do espaço, a planta livre, o eixo central, além do uso de telhado com várias alturas e com pouca inclinação (KAMITA, 2000). Estes aspectos demonstram a aproximação do projetar do arquiteto às “*Prairie Houses*” e “*Usonian Houses*” de Wright. Porém, ao invés de dialogar com a natureza e paisagem, Artigas compunha obras independentes, cercadas pela malha urbana.

Com Wright entrei no mundo moderno: ver como é que precisava ser leal e honesto em relação à humanidade no seu conjunto (...) abandonei isso um pouco antes do fim da Segunda Guerra. Aconteceu que toda essa ética me levou a compreender também pelos cantos, a problemática do povo brasileiro, da nossa condição de subdesenvolvidos. Percebi que a Arquitetura estava ligada a uma problemática nacional e popular e que era preciso arranjar uma ética que me reconciliasse com os ideais do povo brasileiro (FERRAZ, 1997, p.24).

2. Fase Intermediária (1946-1955): “Corbusiana”

Fase marcada pela intensificação de sua participação política no Partido Comunista do Brasil (PCB) e viagens à União Soviética. É quando ele rompe a sociedade com Duílio Marone e se aproxima da Arquitetura da Escola Carioca, cuja influência jazia em Le Corbusier.

Assumi posições próximas da arquitetura chamada racionalista, ou posteriormente chamada "corbusieriana", mas fiz isso com espírito crítico. meu próprio, sabendo que essas posições eram já oriundas de uma visão de mundo das quais homens como Corbusier, que as fundamentaram. não podiam participar (SANTOS, 2021).

De acordo com Bedolini e Silva (2017) , a principal característica dessa fase é a relação do edifício com a cidade, de modo que a linguagem caracterizava-se por apresentar volumes puros, pilotis, composição planar, planta funcional e acabamentos homogêneos. O uso de materiais manteve-se no tijolo, vidro e concreto, em lajes, vigas e pilares, enquanto as alvenarias eram revestidas.

Importava menos a textura dos materiais que as relações de cheios e vazios, sombra e luz. Os ambientes são distribuídos tentando evitar áreas sem função ou simetrias desnecessárias, os serviços são concentrados, existe uma grande preocupação em planejar a insolação correta e amplos vãos envidraçados são grandemente empregados. Artigas aproveita soluções da escola carioca, como os brises, elementos vazados cerâmicos, marquises de formas

curvas e cobertura de asa-de-borboleta, mas nunca de forma gratuita, pois nunca é formalista (ZEIN, 1984).

3. Fase final (1956-1984): Brutalismo Paulista

3.1. Maturidade (1956-1966)

Nesta fase, Artigas inicia a consolidação da sua proposta arquitetônica autêntica, fruto de experiências, ensaios e do amadurecimento decorrente de sua prática. Em concordância, Weber (2005) afirma que a importância da arquitetura nesta fase tem relação com o caráter original de Artigas, na qual ele sustentaria, da primeira fase, a simplicidade no uso dos materiais e a percepção contínua do espaço; e da segunda fase, uma harmonia estética fundamentada no uso das técnicas contemporâneas, ao passo que estabelece uma linguagem própria em suas soluções.

A ideia de *brutalismo* em arquitetura recorre à expressão dos materiais utilizados em seu estado natural. Não existe um critério seletivo do que deva ou não estar à vista: *tudo é aparente e a ideia de beleza é associada à verdade construtiva* (BEDOLINI E SILVA, 2017).

O concreto utilizado não é só uma solução mais econômica, como corresponde à necessidade de se encontrar meios de produção artística, lançando mão da estrutura do edifício, sua parte mais digna. A estrutura, para o arquiteto, não deve desempenhar papel humilde de esqueleto, mas exprimir a graça com que os novos materiais permitem dominar as formas cósmicas, com a elegância de vãos maiores, de formas leves (ARTIGAS apud. FERRAZ, 1997, p.101).

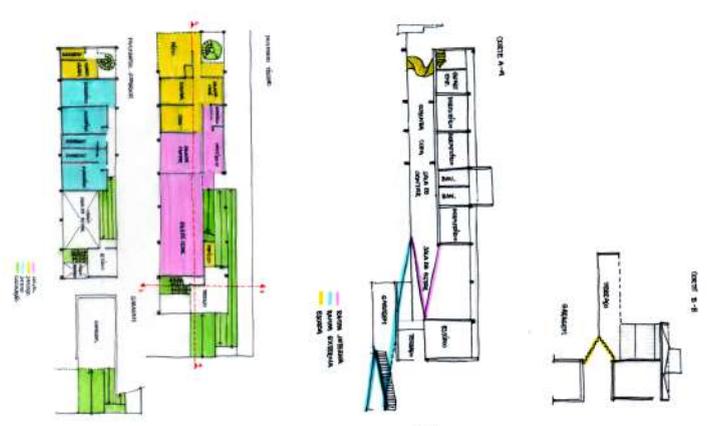
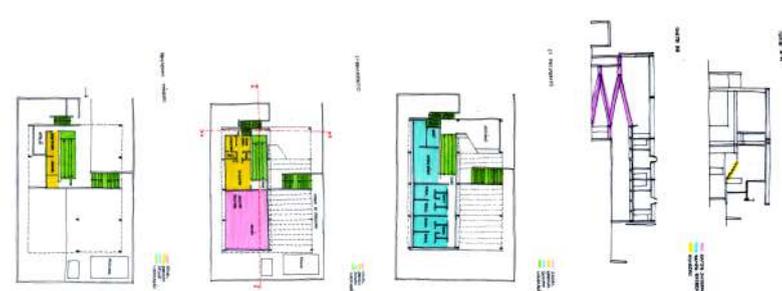
Além disso, com o avanço da tecnologia do concreto armado foi possível conciliar e encontrar uma união entre a forma e a função. Tal desenvolvimento permitiu também maior liberdade criativa, como a implementação no uso de grandes vãos, dando luz a soluções inovadoras.

3.2. Consagração (1967-1984)

Período com menor número de projetos publicados. Esta fase é marcada pelo aperfeiçoamento das suas experimentações com o concreto armado.

Análise dos projetos

Tabela 1. Resumo dos dados técnicos e desenhos dos projetos selecionados.

FICHA TÉCNICA	DESENHOS
<p>CASA JOÃO LUIZ BETTEGA</p> <p>Situação atual: existente Ano de projeto: 1949 Ano de construção: 1953 Endereço: Rua da Paz, nº 479 - Curitiba, PR Área do terreno: 720 m² Área construída: 498 m²</p> <p>Observação: A residência possui 2 rampas perpendiculares à rua, 1 externa, de acesso à entrada social e 1 interna, que dá continuidade da entrada social ao pavimento superior. Há uma escada ao fundo que dá acesso da área de serviço aos cômodos da casa.</p>	
<p>CASA RENATO FAUCZ</p> <p>Situação atual: não construído Ano de projeto: 1975 Ano de construção: - Endereço: - Área do terreno: - Área construída: -</p> <p>Observação: A residência possui 1 rampa perpendicular à rua que parte da área de serviço, acessa a sala de estar em meio nível e sobe para o estúdio. A área íntima tem acesso por meio de uma escada no nível do estúdio.</p>	
<p>CASA EDGARD E MARCIA NICLEWICZ</p> <p>Situação atual: existente Ano de projeto: 1978 Ano de construção: 1978 Endereço: Rua Lourenço Mourão, 44 - Curitiba, PR Área do terreno: 7747,40 m² Área construída: 620 m²</p> <p>Observação: A residência possui 2 rampas internas perpendiculares à rua, 1 de acesso da entrada social no térreo ao 1º pavimento, e 1 logo em sequência, levando ao estúdio em meio nível e ao 2º pavimento. 3 escadas acompanham as rampas e dão acesso aos 3 níveis da casa.</p>	

Fonte. Próprio autor.

DISCUSSÃO

A partir do estudo da literatura, entende-se que a arquitetura de Artigas é inerente à política e às mudanças sociais do período. Ela é humana, projetada para pertencer e atender às necessidades das pessoas.

A cidade é uma casa. A casa é uma cidade
(VILANOVA ARTIGAS, 2004)

Se, de fato, a casa é um recinto análogo à cidade, há espaços coletivos e privativos, abertos e fechados, de permanência e transição, e também espaços que promovem a convivência e relações sociais (TAGLIARI, 2012). A circulação é um fator estruturante nas obras de Artigas, assim, as rampas transmitem papel fundamental na concretização de suas ideias. Segundo Kamita (2000):

Mais uma vez, o arquiteto faz do ato de circular a ocasião privilegiada para a percepção da montagem espacial: das rampas abertas ao centro, de onde se tem a visão geral do espaço interno, passando pelo cerceamento da parte fechada das rampas, que concentra o olhar para o detalhe expressivo da terminação dos pilares, até finalmente alcançar no nível superior, as faixas de pisos periféricas que contornam o vão central e que estabelecem a passagem entre interior e exterior. Como se vê, Artigas parte de um programa em que os usuários estão em permanente trânsito e o converte em ocasião de um autêntico “passeio arquitetônico”.

A adoção de rampas pelo arquiteto não apresenta relação com o debate atual de acessibilidade, mas com a concretização de alguns ideais: a busca pela concepção de amplos espaços integrados e fluídos, a continuidade visual e espacial e a livre circulação entre os diferentes espaços, tanto internos quanto entre a cidade e a residência. Dessa forma, as rampas fazem parte do programa, estruturam e organizam os ambientes, atuando como espaço social, direcionando visuais ao longo de seu percurso e promovendo o “passeio arquitetônico” nas casas.

CONCLUSÃO

Compreender a obra de um arquiteto envolve uma análise profunda abrangendo questões históricas, técnicas e sociais, enriquecendo o conhecimento da arquitetura como arte e ciência, e evidenciando seu impacto e significado na sociedade. É este justamente um dos legados deixados por Artigas: a ampliação do alcance da arquitetura para além de seu domínio disciplinar, sem, contudo, reduzi-la a mero comentário de teses sociológicas (KAMITA, 2015).

Vivendo em um período de intensas mudanças e conflitos sociopolíticos, Artigas nunca deixou de se posicionar e cumprir com seus princípios pessoais e profissionais. Mais do que tudo, a arquitetura sempre fora sua linguagem. Mesmo inconformado com as condições sociais do país, nunca desacreditou no poder transformador da arquitetura.

Todos os trabalhos de Artigas oferecem uma reflexão profunda sobre o sentido de se construir, sobre o sentido da arquitetura e seu papel nas relações humanas e na paisagem urbana, em que pode ser um instrumento de transformação social, capaz de originar comportamentos e renovar mentalidades (...). Olhar para sua generosa contribuição é vislumbrar o radical

testemunho de um homem que acreditava na cultura como o único caminho de liberdade - e na cidade como lugar privilegiado para o seu exercício (COSTA, 2015).

BIBLIOGRAFIA

ACAYABA, Marlene Milan. **Vilanova Artigas, amado mestre**. 2020. Disponível em: <https://revistaprojeto.com.br/acervo/vilanova-artigas-amado-mestre-por-marlene-milan-acayaba/>. Acesso em: 30 out. 2022.

ARTIGAS, Vilanova. **Caminhos da Arquitetura**. 4. ed. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

BEDOLINI, A, C, B; SILVA, S, P. **As três fases de João Batista Vilanova Artigas**. InSitu: revista do mestrado profissional em projeto, produção e gestão do espaço urbano, São Paulo, v. 01, n. 01, p. 35-55, 15 de mai. 2017.

BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

COSTA, C. 2015. **Ocupação Vilanova Artigas**. São Paulo: Itaú Cultural.

FERRAZ, Marcelo Carvalho, 1997. **Vilanova Artigas**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi/Fundação Vilanova Artigas.

KAMITA, João Masao. **A importância de Vilanova Artigas**. 2015. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/risco/article/view/121399>. Acesso em: 22 dez. 2022.

KAMITA, João Massao. **Espaços da arte brasileira / Vilanova Artigas**. São Paulo: Cosac e Naify, 2000.

SANTOS, Lena Coelho. **Fragments de um Discuso Complexo - Depoimento de Vilanova Artigas a Lena Coelho Santos**. 2021. Disponível em: <https://www.revistaprojeto.com.br/acervo/fragmentos-de-um-discuso-complexo-depoimento-de-vilanova-artigas-a-lena-coelho-santos/>. Acesso em: 16 dez. 2022.

TAGLIARI, Ana. **Os Projetos Residenciais Não-Construídos de Vilanova Artigas em São Paulo**. 2012. 403 f. Tese (Doutorado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16138/tde-01022-013-143949/publico/tese_anat_revisada.pdf. Acesso em: 26 fev. 2023.

WEBER, Raquel. **A linguagem da estrutura na obra de Vilanova Artigas**. 2005. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/5724/000518789.pdf>. Acesso em: 09 mar. 2023.

ZEIN, R. V. **Vilanova Artigas: a obra do arquiteto**. Revista Projeto, São Paulo, SP, n. 66, p. 79-91, 1984.. Disponível em: <https://www.revistaprojeto.com.br/acervo/vilanova-artigas-a-obra-do-arquiteto/>. Acesso em: 05 nov. 2022.